

Anda tudo ligado

Eu diria que João Belga é uma espécie de passeante. A força motriz do seu trabalho centra-se numa mestiçagem de ideias e técnicas. Mas, sem dúvida, que possui um universo visual perfeitamente definido. Desenhos de desenhos ondulam e espalham-se na superfície do papel. As imagens, algumas delas insólitas, resultam de uma apropriação que se vai diluindo e metamorfoseando no encontro com o vazio das telas. O olhar voraz do artista foi acumulando bits de informação ao longo do caminho atravessado por imagens de publicidade, banda desenhada, moda, cinema e grafismo. Instalou uma subtil fronteira, à margem de qualquer discurso que irrompa na matriz iconográfica. Ora, isto dá uma sensação de absoluta contingência. Como se fosse uma viagem ao mundo da *pop art* onde a manipulação se impõe e dita regras no processo criativo. A cultura pop contemporânea marca, em certo sentido, aquela ironia ácida que coloca cruamente em crise a modernidade “heróica”.

Usando a estratégia da colagem, propõe-nos o prazer visual do reconhecível. Incorpora no seu trabalho uma série de referências e citações, até mesmo de cunho literário. Evitando o jargão das teorias de arte, atrevo-me a dizer que não correspondem de todo a um jogo de ocultações pretensamente eruditas. As imagens colectadas, já desconstruídas, fazem parte de um vocabulário codificado. O artista explora um vasto labirinto de linguagens suas e de outros. Na fusão química das influências em circulação destaca-se o traço dos “quadrinhos” de *Charles Burns*, as refinadas fantasias de *Raymond Pettibon* e alguma exuberância herdada do expressionismo. Opera com tinta da China, quando precisa de delicadeza nos registos. Usa ainda acrílico spray, marcador, stencil... numa busca incessante do contraste. Tem a ver com o efeito das sombras do claro-escuro, o brilho do preto esmalte que “escorre e dá textura como sucede na pintura da guerrilheira”. Recorre a um idioma que confere um carácter distintivo à sua obra. Trata-se do tal “como” da arte de que fala o artista americano *David Salle* no livro *How to See*. Onde expõe todos os paradoxos que alimentam a pintura.

Voltamos a insistir na mistura que *João Belga* faz questão de referir, advinda de uma genealogia que se manifesta no adoptado aka *DJ Nightmare*. É lícito pensar no som derivado das máquinas, nos *samples* transpostos para as imagens vagabundas que perfilam uma suspeita- será isso? Ah! O contributo do punk, uma influência capital e recorrente. A deriva do lado selvagem do rock. A incómoda sensação de que as coisas não precisavam de ser como eram. Consubstanciada na utopia que *Greil Marcus*, o mais lúcido crítico de música ao nível planetário, refere no seminal ensaio *Lipstick Traces*. Mostra a viagem intelectual que unia o dadaísmo com o punk, passando pela Internacional Situacionista de *Guy Debord*, o autor do livro de *A Sociedade de Espectáculo*, que inspirou a subterrânea revolta estudantil de Maio de 1968. Anda tudo ligado. Considera-se, desde logo, excluída do processo a osmose reversa.

Lourdes Féria